

As tirinhas como ferramenta de estudo da linguagem oral

Alberto Ricardo PESSOA¹
Gisele Gomes MAIA²

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar um estudo crítico acerca do uso das tirinhas em quadrinhos como estratégia complementar de ensino de oralidade. A tirinha em quadrinhos é considerada a menor célula dentro dos gêneros que englobam as histórias em quadrinhos e é amplamente utilizada em livros didáticos, *web sites*, educação à distância entre outros segmentos. A estrutura do presente estudo consiste em conceitualizar o gênero histórias em quadrinhos, a tirinha em quadrinhos e sua inclusão em práticas complementares de ensino, com ênfase na oralidade.

Palavras-Chave: Gênero. Tirinha. Oralidade.

Introdução

Por muito tempo, pensou-se em linguagem oral e linguagem escrita como práticas de comunicação dissociadas, que faziam o uso do idioma de maneiras distintas e específicas.

Com os estudos mais recentes sobre a oralidade, pesquisadores trouxeram a hipótese de que escrita e fala, na verdade, são práticas que se integram e se complementam, sendo que, em alguns casos, inclusive, uma necessita da outra:

A primeira das tendências, a de maior tradição entre os linguistas, é a que se dedica à análise das relações entre as duas modalidades de uso da língua (fala *versus* escrita) e percebe sobretudo as diferenças na *perspectiva da dicotomia*. A rigor, esta perspectiva tem matizes bem diferenciados. De um lado, temos autores linguistas como Bernstein

¹ Professor do curso de Comunicação em Mídias Digitais – UFPB. Doutor em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

² Professora Coordenadora do Núcleo Pedagógico de Língua Portuguesa na Secretaria de Estado da Educação de São Paulo. Mestre em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

(1971), Labov (1972), Halliday (1985, numa primeira fase), Ochs (1979), representantes das dicotomias mais polarizadas e visão restrita. De outro lado, temos autores como Chafe (1982, 1984, 1985), Tannen (1982, 1985), Gumperz (1982), Biber (1986, 1995), Blanche-Benveniste (1990), Halliday/Hasan (1989), que percebem as relações entre fala e escrita dentro de um contínuo, seja tipológico ou da realidade cognitiva e social. (MARCUSCHI, 2010, p. 27)

Alguns gêneros evidenciam mais essa interdependência da fala e escrita em um contínuo, como é o caso da entrevista impressa ou televisiva, das telenovelas e das histórias em quadrinhos.

Neste trabalho, buscaremos investigar como é possível estudar a oralidade e a escrita através de um gênero que se apropria da fala na sua construção, como é o caso das tirinhas.

Este gênero textual é um texto escrito e desenhado, que busca reproduzir a linguagem oral, revelando no texto escrito aspectos como as sequências dialogais, a hesitação, as pausas, a expressão corporal etc.

A importância desses elementos, bem como suas funcionalidades na produção de sentido do texto oral / escrito é o que pensamos que pode enriquecer o conhecimento lingüístico dos alunos da educação básica em todos os seus níveis (fundamental e médio) e, por isso, analisaremos ao fim deste trabalho algumas estratégias que visam desenvolver a competência comunicativa, levando ao reconhecimento das diferenças entre linguagem oral e escrita, a relação de interdependência entre ambas e a compreensão de um gênero que é atraente ao gosto e ao comportamento multimidiático e interativo dos jovens de hoje.

Assim, buscaremos nos textos aqui analisados as marcas da oralidade representadas através da escrita e de outros recursos gráficos, como o tipo de letra, o uso dos balões, os traços da expressão corporal etc, evidenciando a complementaridade das linguagens oral / escrita e verbal / visual.

A linguagem oral no contexto escolar

Os Parâmetros Curriculares Nacionais para a Língua Portuguesa (1998), tanto para o Ensino Fundamental quanto para o Ensino Médio prevêm o trabalho com a prática de leitura e produção de textos orais e escritos e a prática de análise linguística,

ou seja, lado a lado caminham escrita e oralidade na educação básica, uma vez que nesse documento compreende-se o ensino da língua materna privilegiando não somente a norma padrão, mas também as variedades e especificidades que toda língua tem de acordo com seus contextos históricos, geográficos, sociais etc.

O indivíduo começa a construir sua capacidade de linguagem a partir de seus primeiros anos de vida, quando começa a balbuciar as primeiras palavras no idioma nativo. Quando ele chega à escola, já consegue transmitir mensagens por meio da fala com algum sucesso.

Devido a isso, tradicionalmente, fica subentendido que nas aulas de Língua Portuguesa, a escola deve elevar o nível cultural de seus alunos, ensinando-os somente o que ainda não sabem, ou seja, a linguagem escrita e a norma-padrão.

Neves também observa este senso comum:

(...) Nenhum pai, nenhuma família espera que a escola vá ensinar suas crianças a “falar”, pois elas já “falam” quando entram na escola, uma vez que, obviamente, o desempenho oral antecede o processo de educação formal. (...) ninguém espera que a escola constitua o espaço privilegiado da apreensão e da discussão da cultura popular, que é aquela que, por princípio, se veicula na comunicação oral, e isso decorre da consideração da escola, privilegiadamente, como o “templo” do letramento, a instituição absolutamente responsável por ele. (NEVES, 2001, p. 322)

Reconhecendo essa visão, Neves, em seu trabalho, coloca como missão da escola o que é instituído pelos PCN e buscamos sugerir no tema deste artigo:

(...) a escola tem de ser garantida como o lugar privilegiado de vivência de língua materna: língua falada e escrita, língua padrão e língua não-padrão, nunca como pares opostos, ou como atividades em competição; enfim, uma vivência da língua em uso em sua plenitude: falar, ler, escrever. (2001, p. 324)

Os PCN, apoiados na visão sociointeracionista do estudo de língua materna (Bakhtin, Dolz & Schneuwly, Bronckart), trouxeram também grandes avanços nesse sentido, mostrando que a funcionalidade da linguagem e a competência comunicativa são aspectos que devem ser trabalhados pela escola e, para que a comunicação aconteça, é preciso que o cidadão saiba transitar entre diferentes tipos de linguagem que estão presentes na sociedade, com suas particularidades de usos, vícios, vocabulário etc.

Assim, deixa de ser prioritário e exclusivo o trabalho com a escrita e com o ensino da norma-padrão e passa a ser considerado o gênero o principal instrumento de trabalho nas aulas de Língua Portuguesa, considerando sempre seu contexto social e a funcionalidade da linguagem que podem aprimorar a capacidade de comunicação e de compreensão do mundo, sendo assim priorizados o ensino da oralidade, escrita, leitura e compreensão.

Adotamos aqui uma postura de que a transição de fala para escrita também deve ser ensinada pela escola a fim de que o aluno possa se utilizar de planejamento prévio para se comunicar oralmente, bem como perceber as marcas da oralidade que veiculam nos textos escritos, diferenciando e observando como há outros recursos multissemióticos que compõem e apóiam a fala e podem refletir na construção do sentido também na produção textual.

Por isso, selecionamos para propor o desenvolvimento da oralidade nas aulas de Língua Portuguesa o uso de um gênero que traz de forma notável a representação gráfica da visualidade, que é o caso das tirinhas, buscando mostrar aos educandos as diferenças entre linguagem oral e escrita (ainda que essas estejam intrinsecamente relacionadas), levá-los à reflexão sobre o idioma no qual se comunicam (suas variações e funções em diferentes contextos), fazê-los perceberem quando e onde podem ou devem ser usadas diferentes variantes lingüísticas de acordo com o objetivo da comunicação etc.

Definição de histórias em quadrinhos

As histórias em quadrinhos são consideradas um meio de comunicação de massa, cujo público alvo é, na sua predominância, crianças e adolescentes.

Este perfil de receptor leva-nos a refletir sobre questões relacionadas com a formação desse leitor e com a produção de texto no âmbito escolar. As histórias em quadrinhos são, em muitos casos, a primeira mídia de leitura que a criança tem contato e constrói a base para o futuro leitor de outras linguagens como a literatura, o cinema, o teatro, dentre outras.

O caráter lúdico desse gênero desperta o prazer de ler e encoraja o discente a se tornar o autor de suas próprias histórias – aspectos que não podem ser desconsiderados pelo docente.

Will Eisner concebe as histórias em quadrinhos como arte sequencial, e distingue a narrativa gráfica dos quadrinhos. Para Eisner (2005, p. 10), a narrativa gráfica é uma descrição genérica para qualquer narração que use imagens para transmitir idéias enquanto que quadrinhos estruturam-se conforme disposição impressa de arte e balões em sequência, particularmente como acontece nas revistas em quadrinhos.

Scott McCloud (1995 p. 9) entende que a conceituação de Will Eisner é ampla demais para especificar essa linguagem e complementa afirmando que as histórias em quadrinhos são imagens pictóricas e justapostas em sequência deliberada, destinadas a transmitir informações e/ou a produzir uma resposta no espectador.

A definição de McCloud desclassifica os gêneros *cartum* e caricatura como histórias em quadrinhos, uma vez que as duas formas de comunicação não possuem a necessidade de usar quadros justapostos.

Por fim, Vergueiro (2004, p. 31) afirma que as histórias em quadrinhos constituem um sistema narrativo composto por dois códigos que atuam em constante interação; o visual e o verbal. Cada um desses ocupa, dentro dos quadrinhos, um papel especial, reforçando um ao outro e garantindo que a mensagem seja entendida em plenitude.

No nosso entendimento, história em quadrinhos é uma mídia que se constitui da convergência da linguagem verbal com a visual no balão – ícone que distribui o texto e a imagem em uma sequência e estabelece discursos que se somam. O discurso verbal acrescenta informações ao discurso visual e vice-versa, e juntos constroem uma sequência narrativa capaz de prover, ao receptor, subsídios necessários para compreensão da história que se plasma nos quadrinhos.

Definição de tirinhas em quadrinhos

Tecnicamente, as tiras são o nome dado à menor célula das histórias em quadrinhos, tendo em média três quadros por história. As tiras não apresentaram diversificação na diagramação ao longo de seu processo de produção e apresentam uma divisão padrão de 30 cm de largura e 10 cm de altura.



Na tira acima, Henfil mantém a formato clássico da tira por se tratar de uma publicação voltada para o mercado americano, que possui um sistema de distribuição de tiras que impede o autor de ousar nas dimensões ou na estrutura da tira.

No mercado brasileiro o processo é bem diferente, como pode ser observado na tira ao lado.

Henfil, dono de um traço simplificado, mesmo em uma mídia de poucas possibilidades de experimentação artística, devido às limitações impostas pelo seu veículo de publicação, consegue desenvolver tiras sem o uso de requadros, tornando a ação muito mais dinâmica que em outros quadrinhos que utilizam o recurso.

Outra característica é em relação aos diálogos e a tipografia apresentada nos textos. As falas possuem a ausência de balão, tendo apenas uma silhueta que remete à ideia de balão de texto. A ideia de entonação, volume e importância é apresentada ao leitor com as letras desenhadas como se tivessem vida própria.

Em muitas ocasiões, elas ganham uma forma distorcida, assim como o desenho das personagens, cujas linhas lembram mais uma assinatura que uma arte formal.

O artista propõe um virtuosismo de idéias e subversão no lugar da técnica acadêmica nos desenhos de seus contemporâneos.

Fig.01 – Tiras de Henfil
Fonte: Jornal da ABI (2007, p. 26-27)

Entre os gêneros de histórias em quadrinhos publicados no Brasil, o que teve um grande impulso de criatividade entre os autores brasileiros são as tiras cômicas. O cartunista Henfil deu início à tradição do formato “tira” com seus personagens Graúna e Os Fradinhos. Foi nesse formato de tira que estrearam os personagens de Maurício de Souza, criador da Turma da Mônica ainda no fim de 1959. Zivaldo Alves Pinto lança o Pererê na década de 60 e juntamente com Millôr Fernandes, Jaguar, Fortuna Prósperi e Claudius cria na mesma década o jornal Pasquim, de conotação política e de posição contrária ao regime ditatorial que o Brasil sofria nesse período.

As tiras e a oralidade

As tirinhas buscam representar as cenas que narram de maneira estática, cristalizando no papel, através de imagens e textos, as ações, gestos, emoções, falas, entonações etc. que a compõem. Para produzir todos esses efeitos de sentido, o autor se utiliza de recursos visuais como a fonte, as cores, os traços que marcam tempo e movimento, os balões etc.

Marcuschi (2010) traz que oralidade e escrita não são práticas de linguagem opostas entre si, mas são práticas que se mesclam e se complementam nos mais diversos usos continuamente.

No entanto, cada uma dessas práticas possui características próprias e maneiras de usar a língua mais ou menos formais, bem como recursos que podem complementar o sentido como a entonação para o oral ou o tipo de letra para a escrita.

Por isso, consideramos importante que os usuários da língua se tornem capazes de compreender visualmente os elementos que produzem sentidos da linguagem oral, a fim de melhorar a capacidade leitora e a apreciação estética de diversos gêneros textuais, em especial, no caso deste trabalho, as tiras.

Tendo esses objetivos em vista, elencamos a partir de agora aspectos da oralidade que podem ser trabalhados nos recursos gráfico-visuais das tiras.

Sugerimos aqui que as tirinhas podem ser trabalhadas pela escola nas aulas de Língua Portuguesa como recurso para explorar não só a comunicação oral e a competência dialógica dos educandos, mas também a transição entre oralidade e escrita, levando os alunos a refletirem sobre esse processo e se tornarem capazes tanto de

retextualizar³ quanto de compreender e apreciar a produção de sentido proporcionada pelos elementos verbais e não verbais que compõem esse gênero.

Assim, a partir de agora, faremos uma breve análise dos elementos que marcam os aspectos da oralidade nos textos escritos de três tirinhas selecionadas para ilustrarem alguns dos recursos que consideramos principais para ilustrar a expressão e o grau de formalidade do texto.

Vejam os a tira abaixo:



Fig. 03 – Tiras de Laerte

Fonte: <http://www2.uol.com.br/laerte/tiras>. Acesso em: 11/01/2012.

Preti (2000, *apud* Ramos, 2009) nos traz a noção de “níveis de fala”⁴ que sugere em sua pesquisa como a linguagem utilizada nos diálogos das histórias em quadrinhos se diferenciam de acordo com as variantes diacrônicas, diatópicas⁵, sociais e culturais da língua, uma vez que são narrativas estruturadas com espaço, personagens, tempo definidos e concretizados através das ilustrações.

Overman é um super-herói “desajeitado” criado por Laerte. Habitante da metrópole de São Paulo, ele é um tipo urbano que enfrenta vilões com poderes bem-humorados e convive com todos os problemas das grandes cidades modernas.

Uma vez que o leitor reconhece e identifica o contexto onde se passam as histórias, ele pode perceber a variante lingüística registrada nas falas das personagens. Na cena acima, a expressão “EI TIO” não revela grau de parentesco entre o menino e

³ Termo utilizado por Marcuschi para designar o processo de transformação do texto oral para a escrita (MARCUSCHI, L. A. (2010) *Da Fala para a Escrita: Atividades de Retextualização*. São Paulo: Cortez).

⁴ “Preti (2000) chama de níveis de fala as diferentes possibilidades de uso da língua. Para o autor, a variedade de usos está vinculada a aspectos geográficos e socioculturais (idade, sexo, profissão, posição social, escolaridade, situação em que a fala é produzida).” (RAMOS, 2009, p. 60)

⁵ Diacrônicas são as variantes relativas a tempo e diatópicas são as variantes relativas a localização geográfica dos falantes.

Overman, mas, sim, uma expressão característica de grupos juvenis para se referirem a pessoas mais velhas. No último quadro, a fala “MÓ VÍCIO, EIN, TIO?” apresenta outras duas marcas da linguagem oral que revelam a informalidade da situação e o nível cultural da personagem: o uso da contração “MÓ” em vez de “MAIOR” e a palavra “EIN”, que é uma interjeição utilizada exclusivamente na linguagem oral.

Verifiquemos outro exemplo:



Fig.04 – Tiras de Maurício de Souza

Fonte: <http://www.monica.com.br/comics/tirinhas/tira195.htm> . Acesso em: 11/03/2012.

No caso da tira produzida por Maurício de Sousa, no primeiro quadro, o balão-tremulo (EGUTI, 2001, p. 83) apresenta linhas tortuosas que representam o tom de voz alto usado pela personagem Zé Lelé, indicando excitação e entusiasmo em sua fala. Na resposta, Chico Bento fala em tom de voz normal e com expressão de seriedade ao tratar do tema do desmatamento.

O famoso personagem Chico Bento é um menino de classe social baixa e vive em uma região rural, portanto, o autor escreve as falas das histórias que se passam nesse contexto buscando retratar todas as peculiaridades de uso da linguagem nessas regiões em um fiel processo de retextualização.

São significativos na sociedade em que vivemos casos de má adequação da linguagem utilizada pelo enunciador tendo em vista o público com o qual ele se comunica, bem como os relatos de preconceito lingüístico tão frequentes.

Considerando esta realidade, acreditamos na importância de que, para exercer a prática cidadã, o indivíduo deve ter acesso ao conhecimento das diversas variedades lingüísticas que modificam a construção da língua portuguesa ao longo de tempo.

Evidenciamos a importância das histórias em quadrinhos ao revelarem a seus leitores diferentes culturas e linguajares específicos de épocas ou regiões determinadas, o que contribui para a diminuição do preconceito lingüístico.

Eguti (2001, p. 17) mostra como as histórias em quadrinhos tentam simular a linguagem oral por meio dos elementos estruturais da conversação, dos recursos lingüísticos (marcadores conversacionais, frases entrecortadas, onomatopeias, gírias etc.), paralingüísticos (pausas, intensificações etc.) e organizacionais da conversação (turnos, sobreposições de voz etc.), além dos recursos visuais e de expressividade que também corroboram para o sentido e a emoção que o texto escrito revela nessa mídia.

A tira abaixo de Bill Waterson brinca com esta simulação:



Fig.05 – Tiras de Bill Waterson

Fonte: O Melhor de Calvin. *O Estado de S. Paulo*, 27 ago. 2002

Nos três primeiros quadros, Calvin e sua mãe se comunicam em uma língua que soa “estranha” ao leitor, pois apresenta construções e vocabulário excessivamente formais, muito próximos da linguagem escrita.

No quarto quadro da tira, Calvin aparece falando na linguagem cotidiana, ironizando o roteiro dos seriados de polícia aos quais costuma assistir, que parecem ser redigidos sem considerar o contexto e o público-alvo, fazendo o caminho inverso do aqui analisado, ou seja, reproduzindo na fala um texto típico da linguagem escrita.

Considerações Finais

A preocupação constante na formulação do artigo foi analisar a tirinha em quadrinhos como meio de estratégia complementar no ensino da oralidade. A proposta

foi definir o gênero histórias em quadrinhos, enfatizar as tirinhas em quadrinhos e analisar alguns exemplos com enfoque na oralidade.

Deste estudo, concluímos que o docente pode ministrar aulas de oralidade e de criação de tirinhas em quadrinhos como recorte de estratégia de aula, mas se ele optar por orientar projetos precisa conhecer as peculiaridades e elementos constituintes das tirinhas em quadrinhos que podem ser interessantes para o uso da oralidade, tais como balão de texto, onomatopéias, linguagem corporal, composição dos personagens, entre outros.

Com esta iniciativa, o aluno passa a ter um repertório amplo de gêneros das histórias em quadrinhos e o professor poderá orientar projetos com maior liberdade de criação.

Linguagens como as histórias em quadrinhos são importantes, pois possuem boa aceitação entre alunos, o que faz com que eles se identifiquem com ela e a utilizem para se expressar. As adaptações literárias das histórias em quadrinhos estimulam o aluno a conhecer as obras da literatura, produzindo novos saberes de leitura, escrita e oralidade.

Este ciclo de conhecimento cria autonomia nos usos de linguagens em sala de aula e o papel do professor passa a ser o de orientador de projetos. Para isso, é necessário oferecer ao professor conhecimentos técnicos acerca da linguagem que ele pretende utilizar em sala de aula.

São saberes que podem ser ministrados com tirinhas em quadrinhos ou que sejam realizados mediante um recorte técnico em uma dada atividade.

O exemplo das tirinhas desconstruídas apresentadas exemplifica a necessidade de o docente compreender a estrutura da história em quadrinhos e sua versatilidade dentro dos discursos verbais e não verbais.

Referências

BRASIL. *Linguagens, Códigos e suas Tecnologias – Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Brasília: Ministério da Educação / Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 1999.

EGUTI, Clárcia Akemi. *A Representatividade da Oralidade nas Histórias em Quadrinhos*. São Paulo. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2001.

EISNER, Will. *Quadrinhos e arte seqüencial: princípios e práticas do lendário cartunista* (Trad. Luís Carlos Borges e Alexandre Boide). 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. *Narrativas Gráficas de Will Eisner* (Trad. Leandro Luigi Del Manto). São Paulo: Devir, 2005.

GURBEN, Roman. *El lenguaje de Los Comic*. Barcelona: EdicionesPenínsula, 1979.

Jornal da ABI n° 322. Rio de Janeiro: Orgão oficial da associação Brasileira de Imprensa. 2007.

LAERTE. *Overman*. <http://www2.uol.com.br/laerte/tiras>. Acesso em: 2012

MARCUSCHI, L. A. (2010) *Da Fala para a Escrita – Atividades de Retextualização*. São Paulo: Cortez.

MCCLOUD, Scott. *Desvendando os Quadrinhos*. 2º edição. São Paulo: Makron Books, 2005.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Língua Falada, Língua Escrita e Ensino: reflexões em torno do tema*. In: Dino Preti e seus Temas. São Paulo: Cortez, 2001.

RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. Coleção Linguagem & Ensino. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

SOUZA, Maurício de. *Tirinha*. : <http://www.monica.com.br/comics/tirinhas/tira195.htm>
Acesso em: 2012.

WATERSON, Bill. *O melhor de Calvin*. O Estado de São Paulo. 2002.